

O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO

Eduarda Maria Moreira Lopes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN
Eduarda-mariah@hotmail.com

Tem sido uma tendência crescente para os estudos literários a pesquisa dos fenômenos da memória em face à construção e manutenção do patrimônio que se estabelece a partir do texto escrito. Os estudiosos se debruçam sobre questões como: Que aspectos são mais facilmente registrados? Se há algum tipo de memória que se destaque em meio a outras? E ainda, os motivos pelos quais ela se desvanece e deteriora ao longo do tempo. Mas, uma questão que ainda precisa de debate é: como se constrói uma memória?

É do ponto de vista do saber literário que este trabalho se propõe a tentar esclarecer esta questão tão importante para a constituição dos costumes e tradições culturais, inclusive, a constituição do próprio indivíduo. E uma das vertentes teóricas escolhidas para tal estudo é a noção de que a memória é coletiva. Estudo este, feito por Maurice Halbwachs em sua obra *A memória coletiva*. Segundo o estudioso,

O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros [...] Nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão da nossa lembrança será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. (HALBWACHS, 2003, p. 29)

O mesmo defende que, por mais intrínseca que seja uma recordação, ela tem a dependência do olhar do outro, da possível interferência e até mesmo da vivência deste. E se formos tentar reconstituir um conjunto de lembranças é inevitável que elas não se reconheçam nas do outro. Que não concordem no que há de comum, de essencial. De acordo com esse sistema que envolve o que há de natural em uma memória preservada, procuraremos enfatizar os aspectos do poema de Patativa do Assaré que

corroboram para a construção da imagem da seca e o impacto deste cenário para o eu subjetivo do homem sertanejo, que reflete exatamente na memória individual do próprio autor.

Trataremos agora de algumas explicações sobre a obra em questão. *O ABC do nordeste flagelado*, de Patativa do Assaré, é um poema de cordel, que tem os componentes fixados na literatura popular nordestina. O poema insere-se no grupo das modalidades comunicativas que oferecem uma dinamicidade e força para a expressão.

É necessário que tratemos das origens da literatura popular para analisarmos *O ABC do nordeste flagelado*. Essa forma de literatura apareceu no Ocidente a partir do século XII, como uma manifestação leiga que não dependia do eclesiástico, fato que era comum à época. Caracterizava-se pelo uso de uma linguagem regional diferente do latim da época. Os focos maiores de aparecimento dessa literatura eram exatamente os três grandes centros de peregrinação, já que as pessoas só saíam dos seus feudos nessas condições de profissão de fé: Santa sé, Terra Santa e Santiago de Compostela.

Esses núcleos se tornaram fontes de produção cultural regional. Muito mais tarde lá pelo fim do século XVII temos a revolução industrial, e a ascensão da burguesia que passa a ser mais independente. É aí que a literatura popular com consciência de si mesma aparece na passagem do século XVIII para o XIX.

A literatura popular, precisamente a poesia, tende a perdurar independente de ter sido registrada ou publicada, é o que acontece com a poesia de Patativa do Assaré. É preciso recordar que a poesia dele insere -se na tradição oral da região Nordeste. Patativa é um dos principais agentes do processo de expansão da literatura oral. É o cantador, proveniente do meio rural, semi - analfabeto (mas nunca ignorante), que improvisa ou narra, graças à sua memória, a história dos homens famosos da região, os acontecimentos maiores, as aventuras de caçadas e de derrubas de bois, e no caso do ABC fazendo um apelo social claro, cantando o nordeste devastado pela seca, descrevendo com minúcias a paisagem, que inevitavelmente, é o cartão postal, o patrimônio do Nordeste.

O nome cordel vem de Portugal e da Espanha, onde os livretos eram expostos em barbantes. Apesar de existir em todo o Brasil, foi na região nordeste onde essa literatura teve maior aceitação. A grande vantagem da literatura de cordel é que o próprio homem do povo escreve do jeito que ele entende, ou seja, o povo comum

se exprime através de manifestações simples. Escrevem sob o ponto de vista comum a seu meio. E é muito importante que o estudo dessa literatura seja feito a partir de seus autores, pois quanto mais os conhecermos, melhor conheceremos o povo e os assuntos de que tratam.

Poesia improvisada a partir de um esboço tradicional, poesia repetitiva por suas formas e temas, personalizada em função de seu destinatário. O cordel é uma narrativa poética, cuja temática se apresenta por demais diversificada, enveredando pela épica, pela lírica, pelo dramático, pelo burlesco, pelo grotesco, pela caricatura, podendo tanto concentrar-se em motivos realistas quanto nos gêneros maravilhosos, fantástico ou estranho. O tema do próximo cordel era concebido no meio do povo. Era a vivência, a luta irmanada, a novidade, a catástrofe. Vejamos as palavras de Luyten (1992),

Raramente, essa poesia produzida espontaneamente era registrada e praticamente sempre se perdia para todo o sempre. Ela, para os poetas populares, era como bolha de sabão: sempre se fazia mais. Essa poesia se mantém coesa em torno de um acontecimento através das inúmeras repetições, ao longo dos anos.

Algumas estruturas de apresentação de cordéis chamam muito a atenção e uma delas é exatamente a encontrada no nosso poema estudado: é o “abecê”. Caracteriza-se pelo fato de cada estrofe começar com uma das letras do alfabeto. Essa forma de composição não é fruto da ingenuidade, é sim para explicitar que se está falando de um assunto por completo. De A a Z.

O *ABC do nordeste flagelado* é um poema narrativo, escrito em décima e em redondilha maior. Cada estrofe mantém a sequência das letras do alfabeto. O mote está nas estrofes antepostas ao início das outras, utilizado pelo poeta como método criador da obra cujo conteúdo desenvolve a ideia sugerida pela estrofe; como os impulsos dos acontecimentos da vida: um, dá origem ao próximo.

Pode ser um adágio, uma sentença, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento de uma temática; em síntese, é um conceito, expresso, em geral, num dístico para ser glosado. Vale acrescentar mais um ingrediente a esse fazer literário: a temática social da seca, que se incorpora como o que há não só de representativo no cenário, mas de forma atuante. A seca entristece o povo, ela dita as regras, provoca os movimentos de migração, o sentimento de desespero, a tristeza profunda.

O poeta inicia o poema, já nos passando uma ideia geral do que vai tratar no decorrer do mesmo: a dificuldade que é a vida do sertanejo quando não chove no sertão. Ele anuncia o assunto a partir da triste esperança que acompanha os nordestinos nos meses de janeiro, fevereiro e março, pois sabemos que são os meses de expectativa pelas chuvas, depois disso, se a chuva não vem, é só desolação.

A — Ai, como é duro viver
nos Estados do Nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover.
É bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar,
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro. (ASSARÉ, 2003, p. 1)

A partir da estrofe B, até a estrofe H, o poeta descreve perfeitamente o cenário triste do sertão sem chuva. Descreve minuciosamente o comportamento dos pássaros, que tristes nem sequer cantam mais, do gado, até o sofrimento dos animais típicos do sertão como o camaleão. Descreve também a desilusão dos fazendeiros que veem seu gado morrer de fome.

B — Berra o gado impaciente
reclamando o verde pasto,
desfigurado e arrasto,
com o olhar de penitente;
o fazendeiro, descrente,
um jeito não pode dar,
o sol ardente a queimar
e o vento forte soprando,
a gente fica pensando
que o mundo vai se acabar. [...]

H — Horroroso, feio e mau
de lá de dentro das grotas,
manda suas feias notas
o tristonho bacurau.
Canta o João corta-pau
o seu poema funério,
é muito triste o mistério
de uma seca no sertão;
a gente tem impressão
que o mundo é um
cemitério. (ASSARÉ, 2003, p. 3)

Nesta estrofe, vemos outra marca da tradição cultural do nordeste: os saberes populares que emanam da necessidade de explicar os fatos, tal qual eram os mitos para as sociedades da Antiguidade. O agouro produzido pelo canto do pássaro é sinal de má sorte. Funciona como fundo musical para a paisagem descrita. Vejamos a estrofe D, que nos fala mais sobre a tradição e a sabedoria popular:

D — De manhã, bem de manhã,
vem da montanha um agouro
de gargalhada e de choro
da feia e triste cauã:
um bando de ribançã
pelo espaço a se perder,
pra de fome não morrer,
vai atrás de outro lugar,
e ali só há de voltar,
um dia, quando chover.

Aqui, observamos a grande sabedoria do homem nordestino, que se dá através da observação da natureza. Com o voo migratório das aves arribaçãs, sabe-se que não há esperança de chuva próxima. Com a chegada da chuva, o bando volta anunciando fartura. Tudo isso, vai enraizando no contexto cultural local e passa de geração para geração.

Consideramos que as imagens do espaço desempenham um papel importante para a memória coletiva. O lugar, o ambiente, o “entre-lugar” é povoado de marcas. Sejam elas individuais ou de um grupo. É como se o espaço resumisse cada detalhe de uma memória. Como se guardasse um sentido restrito de uma sociedade formada por aspectos singulares. Aspectos que transcendem e se tornam parte do ser.

No caso da Literatura, essa experiência cotidiana é muito importante como fonte de inspiração, sobretudo com referência aos aspectos espaciais já analisados: as atividades realizadas, os objetos impregnados de valor emocional; o que aquele ambiente deixa para sempre marcado em determinado personagem; e, ainda como o lugar corrobora para a formação de um caráter. Antonio Candido em sua obra *Literatura e sociedade*, já chamava a atenção para os elementos individuais que adquirem significado social na medida em que as pessoas representam as necessidades coletivas. Para o autor,

Aí está um caso em que determinada atividade se transforma em ocasião e matéria de poesia, pelo fato de representar para o grupo algo singularmente prezado, o que garante o seu impacto emocional [...]pois mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionantes do momento e do meio. (CANDIDO, 2000, p. 36)

De acordo com a premissa de Candido (2000), na próxima estrofe analisada, o eu-lírico anuncia que fará uma descrição do flagelo do homem e, conseqüentemente da coletividade onde ele se insere, com a chegada da seca. Nos versos “a mata que já foi rica,/ de tristeza geme e chora./Preciso dizer agora/ o povo como é que fica.” Observemos essa outra estrofe:

M — Minha boa companheira,
diz ele, vamos embora,
e depressa, sem demora
vende a sua cartucheira.
Vende a faca, a roçadeira,
machado, foice e facão;
vende a pobre habitação,
galinha, cabra e suíno
e viajam sem destino
em cima de um caminhão.

O eu-lírico muda da descrição do cenário para a mudança de fortuna dos personagens que o compõem, que saem de sua terra para labutar em terras distantes. É o velho desenho dos retirantes do nordeste. Tema que perdura desde tempos longínquos e que foi mote para tantos cantadores. Diante do fenômeno da intertextualidade, observamos uma unificação imagética proposta pela paisagem da seca que transformou-se também em pano de fundo para muitos romances escritos nesses rincões. *Grande sertão: veredas* de Lima Barreto, *O quinze* de Raquel de Queiroz e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos são exemplos.

Podemos estabelecer um forte elo entre o poema de Patativa do Assaré e o romance regionalista de Graciliano Ramos no que diz respeito à temática e a forma com que se cruzam: as descrições do cenário propostas pelo eu-lírico do ABC do Nordeste flagelado com as ações narradas em *Vidas Secas*. Isso é possível através da identidade construída ao longo do tempo e da afirmação de pertencimento a uma região, nesse caso,

a região Nordeste e o seu interior. Por isso, também é possível aproximar obras tão distintas quanto à estrutura e, o mais impressionante, diferentes quanto à época de produção.

O romance dessa época marca o encontro do autor com seu povo, havendo uma busca do homem brasileiro em diversas regiões, tornando o regionalismo importante para cada lugar. Foi em meio a esse cenário que nasceu *Vidas secas*. É um romance que marcou a literatura nacional por expor de forma contundente a realidade do sertanejo, tendo que enfrentar não só os desafios advindos da seca, mas também a exclusão proporcionada pela sociedade, incapaz de garantir uma vida digna a determinados grupos sociais que se tornam alvo fácil das calamidades.

Nesse cenário, *Vidas Secas* se destaca por apresentar seres oprimidos pela seca no sertão nordestino, onde a condição humana é quase obliterada. Devido ao sofrimento, as relações humanas acabam definindo, restando apenas o instinto de sobrevivência a guiar os passos de seus personagens.

Em breve síntese nós temos uma família de retirantes composta por seis viventes: Fabiano, o pai, Sinhá Vitória, sua esposa, os dois filhos, a cachorra Baleia e o papagaio. Além dos personagens secundários como o patrão de Fabiano, seu Tomás da Bolandeira, o soldado amarelo, entre outros. Estão todos inseridos no cenário da seca, cada um de sua forma própria sente o peso. A seca já pesa, inclusive, no interior de cada um. Vejamos uma das primeiras cenas, que não nos poupa e já apresenta a rudeza do personagem Fabiano:

- Anda, excomungado. O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário - e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde. (RAMOS, 2008, p. 3)

Curiosamente, a história começa com uma fuga e termina com outra. Primeiramente, eles estão no sertão, sem rumo, todos morrendo de fome. Chegam até a matar o papagaio para não morrerem. “Ainda na véspera eram seis viventes contando com o papagaio. Coitado morrera na areia do rio onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais” [...] (RAMOS; 2008, p.11)

Encontram uma fazenda que parecia abandonada, se instalam. Acontece que a fazenda tem um dono: Seu Tomás da Bolandeira que não os

expulsa, mas obriga Fabiano a trabalhar para ele . Seu Tomás era um homem explorador, roubava Fabiano na hora de fazer as contas. Sinhá Vitória percebe o erro e adverte Fabiano. A família empreende nova fuga, em busca de uma vida melhor. Vejamos:

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros. (RAMOS, 2008, p.54)

Em síntese bastante breve, é esse o enredo da história em questão. Não se trata de uma mera exposição de flagelos, mas sim da constituição de um amplo painel sobre as relações humanas e sobre as pessoas inseridas em um ambiente hostil, que maltrata o corpo e a mente, levando o homem aos seus limites na busca pela sobrevivência, agravada pela inexistência da atuação estatal, aumentando o sentimento de exclusão do nordestino.

Ambos os textos circundam em torno desse eixo: o cenário. Há momentos, inclusive, que parece ser o mesmo. Vejamos: “Caminhando pelo espaço,/ como os trapos de um lençol,/ pras bandas do pôr do sol as nuvens vão em fracasso:/ aqui e ali um pedaço vagando... sempre vagando”. (ASSARÉ; 2003, p.282)

Ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente. (RAMOS; 2008, p.13)

A questão do ponto de vista ou da perspectiva que se adota ao analisar uma obra literária decorre justamente do ponto que estamos discutindo: o espaço ou a natureza espacial. Tendo em vista que observar também pode equivaler a configurar um campo de referências do qual o agente configurador se destaca. “A visão é tida como uma faculdade espacial, baseada na relação entre dois planos: espaço visto, percebido, concebido, configurado; e espaço vidente, perceptório, conceptor, configurador.” (BRANDÃO, 2017, p.218)

Vejamos o tom de lamentação e clamor dos dois textos: “Tudo é tristeza e amargura, indigência e desventura. — Veja, leitor, quanto é dura a

seca no meu sertão.” (ASSARÉ; 2003, p. 292) / Os braços penderam desanimados. Acabou-se. Antes de olhar para o céu, já sabia que ele estava negro num lado, cor de sangue no outro. (RAMOS; 2008, p.119).

Destacamos, nos próximos trechos, o uso da personificação da linguagem demonstrando a humanização dos animais através do sofrimento neste cenário: “Berra o gado impaciente reclamando o verde pasto”. (ASSARÉ; 2003, p. 281) / “Baleia sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente”. (RAMOS; 2008, p.85)

CONCLUSÃO

Heranças da cultura popular como a observação da natureza, as experiências para antever o clima, o estudo dos movimentos migratórios dos animais para saber sobre as possibilidades de sobrevivência em determinada região e a capacidade de adaptação ou fuga em relação à busca pela vida, são possíveis através dessas experiências individuais e coletivas. Uma prática própria dos grupos subalternos da sociedade sertaneja. O que podemos observar em

[...] criada pelo povo e apoiada numa concepção do mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução em seu contexto das contribuições da cultura “erudita”, porém mantendo sua identidade. A cultura popular só se torna compreensível quando relacionada com a dominação e com o conflito entre grupos sociais [...] (AYALA, 1987, p. 42)

Entende-se com isso que a cultura popular só pode ser interpretada por oposição à “cultura erudita” e à “cultura de massa”, ou seja, constitui-se a partir do confronto entre sistemas culturais.

Inserido nesse sistema cultural popular, o autor do poema analisado, Patativa do Assaré, tem em sua contribuição algo que perpassa o caminho da vida sertaneja de lado a lado. É a voz da sabedoria de quem muito observou seus antepassados, os sinais da natureza e

seu próprio cenário, traduzindo para a posteridade a imagem da seca no Nordeste.

A profunda propagação dessa temática ainda torna possível, nos dias atuais, a comparação e a investigação de outros fatores de diálogo entre várias áreas do conhecimento literário, representadas aqui pela obra romanesca de Graciliano Ramos, que evoca a vida humana no nordeste flagelado e suas transformações desde os tempos mais antigos.

É uma temática perene como os juazeiros são no meio da caatinga. Para os estudos da crítica literária demonstra esse poder de renovação através dos novos estudos empreendidos no campo da análise da literatura oral amplamente difundido nos dias atuais.

No estudo do envolvimento entre memória e literatura, indo mais a fundo com a observação do entrelace entre a formação da tradição cultural local ou de uma determinada região, evidenciamos a intervenção tanto da memória individual, que o ser humano adquire e carrega de acordo com a sua própria experiência, quanto da coletiva que é formada desses fragmentos emanados pelo povo da localidade.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração nordestina: Cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003.

AYALA, M; AYALA, M. I. N. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaços literários e suas expansões**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura. Belo Horizonte, n. 15, jan. 2007, p. 207- 220.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 80p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Posfácio de Marilene Felinto. 107ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.174 p.

